

REDACÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO
ADMINISTRAÇÃO
Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70
Anúncios permanentes, contra-
cto especial

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—Avelino Gomes de Sousa

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL,

PÁTRIA--PORTUGAL

Não é sem frémios de comoção e sem o afecto mais enternecido que lemos as páginas da História—e tão brilhantes que elas são—que arquivam as nossas glórias pátrias, cujos heróis apenas em mira tinham o engrandecimento do nosso querido Portugal.

E a Pátria é Portugal, com as suas águas cristalinas, com os inefáveis gorgeios das suas aves, com os seus campos verdejantes, com as suas montanhas crispadas, com a magestade das suas vilas e cidades e com a poesia das suas encantadoras aldeias, com a doçura do seu ceu, diáfano e luminoso, que parece um eterno hino de primavera e a grandeza dos seus mares, revoltos e espúmeos, a similharem um poema de abnegação, de magestade e de heroísmo.

A Pátria é Portugal, com as suas ilhas adjacentes e com as suas colónias ultramarinas.

A Pátria é Portugal, com o heroísmo dos seus filhos, que cinzelaram, em caracteres inapagáveis, e escreveram em sua fronte radiosa os fulgidos cometimentos seus: as suas conquistas e os seus descobrimentos, as suas viagens e os seus *raids*, por mares e por ares nunca dantes navegados.

Sim, a Pátria é isto, a Pátria é tudo isto.

Veem estas palavras a propósito duma activa e desassomburada afirmação, feita numa festa, no Porto, em honra dos nossos gloriosos aviadores.

Quando um dos assistentes deu um viva à República, Brito Pais continuou:

«Sejamos separatistas, meus senhores, e haja corajem para destrinçar entre Pátria e República. Chamaram-me monárquico na América, porque nem eu nem os meus homens demos um viva à República. Não damos nem o daremos. Isto chama-se Pátria, Portugal, e nada mais.

Servimos a República porque queremos, e porque a farda não nos oprime.»

Foi o amor da Pátria que os fez grandes e que sagrou o seu nome, que fica sendo da História, da gloriosa história de Portugal.

Nobilíssimas palavras as suas!

Sempre, em todos os tempos, assim foi.

Quem levou, com a confiança na protecção da Cruz, Pedro Alvares Cabral à descoberta do vasto império do Brazil? Foi o amor da Pátria, que desejava ver engrandecida.

Quem guiou o grande Vasco da Gama à descoberta do novo caminho marítimo para a Índia, ancorando em Calecut, reputado então o cofre dos maiores tezouros do mundo? Foi o amor da Pátria, que desejava ver engrandecida.

Quem deu ânimo ao grande Condestável Nuno Alvares Pereira para se portar com garbo varonil e heroísmo incomparável em Atouros, Valverde e Aljubarrota? Foi o amor da Pátria, que desejava ver engrandecida, da Pátria, cuja bandeira engrinaldava de louros, da Pátria que tornou respeitada, rechaçando dela os castelhanos, sempre confiado na protecção do ceu a que recorria, até mesmo em meio do fragor mais acedo das batalhas.

Quem guiou todos os cometimentos audazes dos nossos maiores, no intento de alargarem os nossos domínios e de fazerem dos portugueses um povo sem igual? Foi o amor da Pátria, que todos desejavam ver engrandecida.

Quem levou Sacadura Cabral e Gago Coutinho a empreenderem o arriscado vôo até ao Brazil, sempre confiados na cruz de Cristo, que sempre os acompanhou? O amor da Pátria, que desejavam ver engrandecida.

Quem encorajou também os aviadores do último arrojado *raid*? Disse-o, e muito bem, Brito Pais. Foi o amor da Pátria: isto chama-se Pátria, Portugal e nada mais.

Quando os hosanas ecoavam festivos, em sua honra, recebemos todos nós, os portugue-

Coisas várias

Escoteiros Católicos

Foi necessário que saíssem três ou quatro números do jornal para se poder terminar a publicação dos Estatutos dos Escoteiros Católicos.

Mais espaço que fosse necessário, gastar-se-hia de boa mente, porque é necessário que todos conheçam esta obra.

Enquanto os barcelenses a não conhecem praticamente muito útil é que conheçam ao menos os princípios em que se baseia e o fim que tem em vista.

Quem atentamente tiver lido o Regulamento deve estar já convencido de que se trata duma organização interessantíssima e de suma importância.

Já aqui escrevi que o escotismo é o sistema de educação mais racional, mais completo e mais perfeito.

Hoje acrescento (e os leitores já estão mais ou menos habilitados a avaliar a minha afirmação); o escotismo é o sistema de educação mais actual e mais humano, digamo-lo assim. Que assim é, prova-o a expansão extraordinária que teve em tão poucos anos.

Badem Powel ainda vive: pois o seu método educativo já está espalhado e é conhecido e admirado na maior parte das nações do velho e do novo Mundo.

Na Inglaterra, onde nasceu, nos Estados Unidos da América do Norte, no Brasil, na Itália, são numerosíssimos os adeptos.

E' neic, sem duvida nenhuma, que a sociedade moderna há-de encontrar um apoio valiosíssimo para a sua solidificação, quiçá para a sua reconstrução, porque o abalo foi grande e o desmoronamento já vai nos alicerces,

Porisso é que os educadores modernos, que são inteligentes e imparciais, ou adop-

ses, uma altiloqua e eloquente lição.

Fôsse sempre o amor da Pátria quem norteasse e resolvesse as acções dos seus filhos, e não teríamos de chorar as desditas da hora presente, que oprimem as pulsações do coração do velho Portugal: as divisões terminariam, as perseguições não campeariam, os assuntos económicos e os problemas sociais e morais seriam carinhosamente tratados, não estaria Portugal á beira dum abismo.

Todos carpem que o amor da Pátria tenha sido substituído pelo interesse egoísta individual e são muito poucos os que, arrepiando caminho, e não se contentando apenas com deplorar

tam francamente este sistema tal qual, ou lhe introduzem pequenas modificações que as circunstâncias do meio ou a vaidade pessoal exigem, mas só no que é necessário, porque fundamentalmente, repito, todos os educadores inteligentes e imparciais o seguem.

Em Portugal, desde que o Sr. Arcebispo Primaz, entusiasmado com o que viu em Roma por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, teve a abençoada e felicíssima ideia (só por si capaz de o immortalizar) de criar o *Corpo de Scouts Católicos Portugueses*, não lhe tem faltado, e ainda bem, a simpatia e o carinho daqueles cuja simpatia e cujo carinho são apreciáveis.

Tem também inimigos, tem tido e terá quem lhe oponha dificuldades, é certo.

Mas, que valôr tem esses inimigos e donde partem essas dificuldades? Os inimigos são os mesmos que surgem sempre antes as iniciativas de valor, ante as coisas belas e ante as obras de vulto. Todos os conhecemos já uns como manequins nas mãos de *enobertos*, outros em quem as necessidades do estômago mandam mais do que as convicções da inteligência... e nenhum de valor.

Coitados! A maior parte não são tam maus como ignorantes. De cada vez estou mais convencido de que em Portugal a maior crise é da Inteligência que não já do character e de que os detractores do escotismo o são não por má vontade, mas porque nunca souberam o que isso era!

Foram eles mesmos quem se deram a conhecer na para eles malfadada campanha quando pretenderam buscar lá para no fim de contas ficarem... ao frio.

Disseram-se então coisas que só cá se podiam dizer!

Mas não admira, porque nestes assuntos Portugal é o paiz das originalidades. Os

erros, põem os seus resvíços aos altos interesses da Pátria e concorrem para o seu engrandecimento.

E as massas desvairadas, que nem sempre deixam trabalhar os bem intencionados, são fruto claro da falta do amor da Pátria.

Será tempo de bebermos tão alta lição recebida e de trabalharmos pelo bem da Pátria, em primeiríssimo lugar, deixando todos para plano secundário a sua predilecção por regimes?

Por nós, gritaremos sempre: viva a Pátria, viva Portugal, viva o Portugal de oito séculos, viva Portugal, berço de heróis, viva o Portugal de Aljubarrota, viva o Portugal de Flandres.

defensores das escolas sem Deus nem Religião pretendem fundar também um escotismo sem Religião, contra a determinação expressa da Lei Robert Baden Powel que disse ser essencial a base religiosa.

Pois bem. Houve há tempo em Londres um congresso internacional do escotismo. E os representantes do nosso escotismo *neutro* (o que os homens fazem às pobres das palavras!) lá foram todos lépidos.

Ora sucedeu que no lugar do desembarque estavam os membros organizadores do congresso a receber os congressistas e a primeira identidade reclamada era a da religião que professavam (porque há escoteiros católicos, protestantes, etc.). O que é preciso é que sejam *alguma coisa* em religião. Tal a importância que na Inglaterra se liga à base religiosa. E os nossos, mais lépidos ainda, responderam que eram neutros!

Causou uma sensação imensa esta desfaçatez, ou antes, esta estupidez; no dia seguinte o jornal, órgão do escotismo, todo êle se ocupava deste assunto, etc., etc, contou um ênte testemunha ocular.

Pois apesar desta lição, o estribilho forçado do ataque aos escoteiros católicos na última campanha era a neutralidade religiosa!

Sirva-nos de consolação a ideia da qualidade desses inimigos e a certeza do seu número reduzidíssimo.

Ao nosso lado está tudo o que há de melhor em todas as classes. E então nos diversos graus do professorado português—primário, secundário e superior, encontrou o escotismo amigos apaixonados e dedicadíssimos.

Foi-me particularmente grata a noticia de que o professorado primário de Braga se tem interessado muito por este movimento, tendo até convidado há tempo o comissário Nacional sr. Franklin de Oliveira para fazer na sua sede, em Braga, uma série de conferências sobre o assunto.

Creio bem que o professorado de Barcelos vai seguir-lhe o exemplo, entusiasmando-se por esta obra. Todos os professores de Barcelos são católicos, creio eu. Mas que o não fosse. Protestante era o fundador do escotismo e indiferentes em religião são muitos dos admiradores do sistema.

Portanto para ser admirador e até propulsor do escotismo basta que seja inteligente e imparcial. Ora felizmente o professorado de Barcelos é todo composto de católicos, de inteligentes, de pessoas cultas e trabalhadoras. Contar com eles não é portanto fazer-lhes favor nenhum. Aproveito a ocasião para prestar a essa benemérita classe o preito e a homenagem que me merece quem tem por missão educar e instruir e que de facto instrue e educa com carinho e dedicação.

M. C.

CONTOS

O meu relógio

Historieta instrutiva

O meu belo relógio novo tinha regulado dezoito mezes sem se atrazar nem adeantar, sem se lhe quebrar nenhuma parte do seu maquinismo, e sem parar. Eu tinha chegado já a imagina-lo infalível nos seus juizos sobre as horas do dia, e a considerar como imortedoras a sua constituição e a sua anatomia.

Mas, por fim, uma noite deixei-o cair ao chão. Aflição-me por causa disso, como se o facto fôsse um aviso, um preságio de calamidade.

Dentro em pouco, todavia, reanimou-me, acertei o relógio por calculo e bani todos os meus presentimentos e superstições.

No dia seguinte passei por uma relojoaria a fim de acerta-lo pelo tempo exacto, e o chefe do estabelecimento tirou-mo da mão e procedeu a acerta-lo para me obsequiar.

Então disse-me ele: «Está atrazado quatro minutos—precisa o regulador um pouquinho avançado».

Fiz diligência por dete-lo—esforcei-me por lhe fazer compreender que o relógio regulava perfeitamente.

Foi tudo balde;—aquela cabeça humana não foi capaz de entender outra coisa senão que o relógio estava quatro minutos atrazado e que o regulador devia avançar um bocadinho; e por conseguinte, enquanto eu girei a roda dele numa verdadeira angustia, e procurei fazer com que me deixasse o relógio quieto, ele tranquila e cruelmente levou a cabo o seu danado intento.

Começou então o relógio a adeantar-se. E foi adeantando mais e mais cada dia. Dentro de uma semana parecia ter adoecido com uma febre violenta, chegando o seu pulso a marcar cento e cinquenta à sombra. Ao fim de dois mezes, tinha deixado muito para a retaguarda todas as pendulas da cidade, e levava de dianteira ao almanaque nada menos de treze dias. Estava já saboreando as neves de novembro, quando ainda as folhas de outubro estavam caindo. Acelerava de tal modo a renda da casa, o pagamento das letras, e outras cousas que taes, de maneira tão desagradável e ruinosa, que se tornou insupportável para mim.

Levei-o então ao relojeiro para o regular.

Este perguntou-me se ele já tinha sido alguma vez concertado. Disse-lhe que não, que nunca tinha precisado de concerto.

Relanceou então um olhar de espezteza, perscrutando rapidamente o relógio aberto; em seguida assentou no olho uma lente e poz-se a devassar o maquinismo.

Disse que precisava ser limpo e untado, além de regulado,—que voltasse por ele daí a uma semana.

Depois de limpo, untado e regulado, principiou a andar roncoiro a tal ponto que batia descompassado como um chocalho.

Comecei então a ser abandonado pelos comboios, a faltar às horas ajustadas, a perder o jantar; o relógio extendia até quatro os tres dias de cortezia e choviam sobre mim os protestos; gradualmente fui descaindo rara hontem, depois para ante-hontem, depois para a semana passada e dentro em breve entrei a reconhecer que ia ficando solado e solitário nas semanas atepassadas e que começava a perder o mundo de vista. Parecia-me surpreender em mim mesmo uma espécie de sentimento que furtivamente me invadia, inclinandome para as múmias dos museus, e como que desejava entrar em colóquio com ellas.

Fui a um relojeiro outra vez.

Este induziu-me o relógio a bocados enquanto que eu esperava e em seguida disse-me que o tambor estava dilatado. Era arranjo para tres dias.

Depois disto o relógio dava-me um termo médio, mas nada mais.

ADIVINHA POPULAR

Uma casa edifiquei,
Cuidando que era segura,
Mas foi tal a minha ventura.
Que aonde viver cuidei
Me serviu de sepultura.
Logo em meu lugar ficou
Outra formosa donzela,
Que foi tal a sua estrela
Que, porque cheia se achou'
Vocu por uma janela

Decifração da última publicação:—*Campinha.*

Durante meade do dia andava como um desenfreado, e fazia tal bulha, tinha uma tal ronqueira, um tal resfolgar, soltava tais latidos, tal alarido, que eu próprio nem podia ouvir o que pensava de tais disturbios; e, enquanto queria, não havia relógio na terra que podesse lutar com ele. Mas durante o resto dia deliberava atrazar-se e assim ia estonteado até que todas as horas que tinha deixado para traz o apanhavam outra vez. De modo que, por fim, volvidas vinte e quatro horas, podia apresentar-se diante do melhor entendedor, certo em ponto e sem novidade. Mostrava então uma hora média muito honesta e pacata, e ninguém neste mundo seria capaz de avançar que ele houvesse feito mais ou menos do que o seu dever. Porém, uma média correcta é apenas uma fraca virtude num relógio, e eu tratei de levar o instrumento a outro relojeiro.

Este disse-me que o escape estava partido. Respondi-lhe, que ainda bem que não era cousa mais séria. Para falar a verdade completa, eu não tinha a menor ideia do que fosse o escape, mas entendi que me não era permitido parecer ignorante deante dum extranho.

Concertou-se-lhe o escape; mas aquilo que o relógio ganhava num dia, perdia-o no outro. Andava durante algum tempo, depois parava um pedaço, em seguida andava outra vez um bocadinho, e assim successivamente, usando de completa liberdade no respeitante aos intervallos. E de cada vez que disparava um avanço segnia-se-lhe um recuo, como arma de fogo quando atira.

Contive a minha impaciencia durante alguns dias; mas finalmente levei o relógio a outro relojeiro.

Este fêz-o inteiramente em bocados, e examinou com demora as ruinas debaixo da sua lente; por fim disse que lhe parecia que o desarranjo estava no cabelo.

N'essa conformidade o concertou e pol-o em movimento.

Agora andava bem, com a excepção de que, sempre que faltavam dez minutos para as dez, os dois ponteiros fecham-se como uma tesoura e d'ahi por deante caminhavam juntos. O homem mais pratico do mundo era incapaz de fazer a menor idéa do tempo deante de semelhante relógio, de maneira que não tive outro remedio senão procurar quem de novo lhe desse concerto.

Este agora disse-me que o mostrador estava um pouco curvo, e que a mola real não estava direita.

Obrevou tambem que parte das peças precisavam ser substituidas.

Fez tudo quanto entendeu, e d'ahi o meu relógio começou a funcionar de modo que seria inexcedível se, de vez em quando, depois de trabalhar, com proposito, durante umas oito horas proxivamente, lhe não desse lá por dentro uma cousa qualquer repentina, com que ele começava a zumbir como uma abelha, principiando os ponteiros immediatamente a andar a roda, a roda, tão depressa que toda a sua individualidade se perdia completamente, e eles não pareciam mais do que uma delicada teia de aranha sobre o mostrador. Andava assim as vinte e quatro horas seguinte em seis ou sete minutos, e por fim parava com uma pancada.

Fui, com um peso no coração, procurar ainda mais outro relojeiro, e fiquei olhado para ele enquanto me desmanchou o relógio todo.

Então preparei-me para o interperlar asperamente, porque as cousas já se iam tornando sérias. O relógio tinha-me custado primitivamente

duzentos dolars, e creio que já tinha gasto duzentos ou trezentos em concertos.

Enquanto esperava e observava o que se estava fazendo, reconheci no relojeiro umas antigas relações—um antigo engenheiro machinista de bordo, e até por sinal bem mau engenheiro.

Examinou todas as partes cuidadosamente, tal e qual como os outros relojeiros tinham feito, e findo o exame pronunciou o seu veredicto com a mesma confiança e os mesmos modos.

Disse: «Produz vapor de mais—é preciso ter sempre a chave na valvula de segurança»

Fiz-lhe saltar os miolos immediatamente, e mandei-o enterrar á minha custa.

Meu tio William (Deus lhe fale n'alma!) costumava dizer que um bom cavalo era um bom cavaleiro até ao dia em que tomava o freio nos dentes, e que um bom relógio era um bom relógio enquanto lhe não tocavam os relojeiros. E costumava admirar-se de não saber o que era feito de todos os caldeiros, espingardeiros, sapateiros e serralheiros mal succedidos no seu officio; mas isto foi causa que nunca ninguem lhe disse.

Mark Twain.

AGRADECENDO E ESCLARECENDO

A proposito da minha despedida de um *titulo* que encimou uma série de artigos que desde ha tempo aqui vinham sendo estampados, dignou-se um colega illustre, largamente experimentado nos labores da pena e de nome já consagrado no nosso meio jornalístico, honrar-me com umas referencias excessivamente amáveis e encomiasticas, que, por hyperbolicas e imerecidas, me surpreenderam, mas por delicadeza agradeço.

Não, obsequioso colega: aqui, sob estas iniciais V. A. não ha saber nem predicados jornalísticos que mereçam nota. Lá vontade de saber e aversão ao inutil dispendio de tempo com banalidades ou frivolidades, disse, sim, um pouco. Que daqui tambem não ha azedumes odiosos que projectem laivos de fel contra adversarios em luta, tambem é certo. Discussão em volta de factos, de principios, de doutrina, mas serena, cordata, talvez a parecer a alguns demasiado fria, pachorrenta, isso tambem ha sido aspiração minha.

De resto... um rabiscador obscuro que garatuja, debita para ai alguma coizita, não por vicio ou vaidade, mas por reconhecer que o apostolado actual tem de ser em boa parte pela imprensa.

E oxalá que esta fase de delicadesa, este amêno *flirt* jornalístico de agora seja perduravel entre nós.

Quanto ao requerimento que gentilmente propõe, não o ponho inteiramente de parte, embora para já lhe não dê execução.

E' que não me parece isso duma necessidade indispensavel, desde que temos os boletins paroquiais, que bem ficavam nas mãos de todos os católicos. E todos eles apresentam regularmente a homilia, inclusivamente o nosso, o de Braga, «A Cruzada», que é um jornalzinho popular, de bom aspecto, variado, interessante, bem feito, e... nosso: neste ponto tambem sou regionalista.

E para as camadas mais cultas e abastadas lá está, por ex., a diaria secção litúrgica das «Novidades», jornal *integralmente* catolico, que o é não só quanto à fe e costumes, quanto ao dogma, mas tambem quanto à disciplina.

Como vê o colega, tem o n.º passado deste semanario, fez-se um justo reclamo à «Revista Catequística», hoje, quasi sem dar por isso, aí fica outro às referidas publicações... V. A.

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Sociedade)

64—Era costume dos antigos, conforme escreve Libanio (*Lib. tom. 2. orat. 16. in Lucian.*), quando se vião em alguma affiliação, recorrer á protecção da imagem do seu Rei, e Senhor, tendo para si que á sua sombra estavam seguros de todo o mal. Isto, que na cega gentiidade de alguma maneira parecia razão, he costume louvavel nos nossos Religiosos do Convento do Monte da Franqueira No ano de 1696, sendo Ministro Provincial o R. P. Prégador Fr. Miguel de Braga, e Guardião do Convento o P. Fr. Francisco de Poiares, aos 28 d. Novembro pela noite houve ali hum terrivel furacão de vento tão violento, que derrubou perto de quarenta pinheiros entre mansos, e bravos dos maiores, que havia na cerca e por milagre ficou o Convento em pé. Nesta grande afflicção recorrêrão o Guardião, e mais Religiosos á protecção da Sagrada Imagem do seu Rei, e Senhor o Bom Jesus e juntamente á da Rainha, sua Mãe Santissima, e Senhora da Franqueira, debaixo de cujo sombra estão, com incessantes preces, e ficarão o Convento, e eles livre de todo o perigo.

65—Diz tambem Libanio, que quando os antigos Gentios corriam nas suas afflicções á protecção das imagens de seus Reis, as to mavão em Procissão para alcançarem o que desejavão. Isto, que nos Gentios era supersticioso, nos Catholicos o fazerem semelhantes Procissões deprecativas com as Imagens devotas he pio, louval, justo, e santo. Assim o fizerão em hum anno de muita seca os Religiosos do nosso Convento da Franqueira.

Fizerão huma Procissão de Preces por agua penitente, e devota, todos descalços com a Imagem de N. P. S. Francisco em hum bem composto andar, elevando-a ao alto cabeça do Monte á Igreja de N. Senhora da Franqueira, a deixarão lá, e com a mesma devoção trouxerão a imagem da Senhora para a Igreja do Convento, onde houve Sermão ao concurso do povo, que se ajuntou das Freguezias circunvisinhas. Estando o Prégador no pulito, começou a chover abundancia de agua, que continuou nos dias seguintes, sendo que quando se fez a Procissão estava o So litenzo, e não havia sinal de chuva. Esteve a Imagem da Senhora na Igreja do Convento nove dias, e a de N. P. S. Francisco em cima na Igreja da Senhora. Nestes nove dias foi grande o concurso da gente, que hia da Villa de Barcellos, e Freguezias vizinhas visitar as sacrosantas Imagens, não obstante a chuva, que havia. Ao nono dia se destrocãrão as Imagens com nova Procissão, e acção de graças.

66—Semelhante beneficio da mão de Deos lemos na Escriitura Sagrada (*3. Reg. 18.*), quando o me-mo Senhor tinha castigado ao Reino de Samaria, negando-lhe a chuva necessaria para a criação dos frutos; mas tanto que o Santo Profeta Elias, figura expressa de N. Padre S. Francisco, segundo o nosso Serafico Doutor São Boaventura, o Cardeal Pizano, e outros, subio ao alto do Monte Carmelo, e appareceu á vista da nuvemzinha, figura e Imagem de Maria Santissima com o Filho de Deos feito homem em seus braços, e esta se moveo da parte, e á vista do mar, logo a Divina clemencia se inclinou ao soccorro dos miseraveis, logo os Ceos, que parecião de bronze, se abrandãrão, logo se escurecãrão, e cubrirão de nuvens, e logo choveo agua em grande abundancia. Destas

tem feito N. P. S. Francisco muitas, e o fez ainda quando vivia neste mundo, conforme refere o nosso Annalista Vvadingo (*Wading. ad ann. 1225. num. 11.*); mas que muito he o seu espirito sempre foi de um Elias arrebatado na carroça do fogo intensissimo da caridade, como o virão os seus mais queridos filhos logo no principio de sua Serafica Ordem, e se lê na sua prodigiosa vida.

(Continua).

Os culpados de tudo

Era uma noite escura e, na praia pacata e aldeã, saíram a dar o seu passeio habitual dois amigos, muito despreocupados. De repente, entre uma casa e um muro, sentem vir ao seu encontro um monstro, de chifres enormes (puderem perceber) e vestido de sêda ou coisa parecida. Estarrecidos de medo, *coseram-se* à parede, sem fala e, sem tempo para qualquer outro expediente, deixaram passar.

Livres deste quasiinstantâneo pezadello, respiraram e observaram que o monstro, abertas ambas as empênas, entrara para uma casa visinha.

—Que será aquilo?—Eu sei lá, Toneco, talvez qualquer mafarrico *apetado* no Amparo...

—Ou qualquer alma, vinda do além, Zuca e amigo...

—E nós desarmados...

—So faltava que nos fôssemos agora bater. De noite ninguem se meta com o que passa, sempre me ensinaram. Nada de nos batermos. Aquilo era coisa...

No dia seguinte, tinha recolhido uma linda procissão e entretinha-se toda a gente ao ouvir as músicas. Inesperadamente, aparece o monstro que três ou quatro homens, de varapaus, traje e barbas estranhas, tentam inutilmente domar. A multidão abre precipitadamente caminho; ha gargalhadas duns e gritos affitivos doutros.

Uma creança, mesmo junto de nós, grita com desespero. «Ai! mamã, o papão! E êle come-nos!»

Numa janela, distante um pouco, cavaqueava um grupo de *intellectuais de pé fresco*...

O monstro começa, no meio daquele alarido, a chispar fogo por todos os poros e a disparar tiros...

—Que é aquilo, meu Lopes?

—Ha-de ser qualquer carrapata, urdida pelos jesuitas. Maldita seja! Eu bem vos dizia... São elles os culpados de tudo...

—Sabeis que mais? O caso vae ser sério... Fecha a janela, trancae as portas...

E eu sem a minha pistola... Saberão elles que nós estamos aqui?

Dai a instantes, cá fora, restava do monstro apenas uns enormes chifres de boi e um esqueleto formado por meia duzia de ripas de fôrro.

Zucarias

Ecos e Noticias

Falta de espaço

Ficam para o proximo n.º: **Uma Festa encantadora**, artigo do nosso distincto e muito estimado colaborador, V. A., a quem pedimos desculpa;

Sejamos sinceros, sim!, artigo de «Mario Silveira», a proposito de um discurso proferido pelo sr. dr. Leonardo Coimbra, na Povoá de Varzim; e outro original e noticias.

Dr. Vieira Ramos.

Na sua formosíssima Quinta do Beijão, muito melhorado dos seus últimos incóm dos mas ainda convalescente, encontra-se o nosso distinto amigo e ilustre advogado dr. José Júlio Vieira Ramos, querido e estimado de todos os barcelenses.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos muito respeitáveis e fazemos sinceríssimos votos por o vermos no convívio dos seus numerosos amigos e entregue aos seus trabalhos forenses, onde sempre occupou, com brilho, um lugar de destaque invulgar.

Pão de St.º Antonio

A caixa das esmoladas desta tão útil e simpática instituição rendeu, no mes findo, a quantia de Esc. 146\$50.

Dentro da caixa das suas esmoladas foram encontradas 2 notas de Esc. 20\$00, 1 de Esc. 10\$00, e 6 de Esc. 5\$00.

Abençoados por Deus sejam todos quantos se lembram de concorrer para o pão dos pobresinhos.

Sopa dos Pobres

Despesa do mez de Setembro de 1924.

(Pão milho), centeio e coseadura, 450\$600; Feijão, 59\$750; Hortaliça, 76\$300; Arroz, 19\$600; Azeite, 7\$000; Sal, 3\$600; Ordenados, 60\$000; Se os, 200; Sabão, 5\$600; Total: 682\$650

Donativos recebidos

Do snr. José Gonçalves D. Neiva, 100\$00; do snr. Francisco Carmona, 5\$00; Rendimento das almofadas no Campo da Granja, 3\$00; Total, 108\$00.

Mez do Rosario

Principiou ontem, dia 1.º de Outubro, na Igreja Matriz, às 6 horas da manhã, e na Igreja do Terço às 5 horas da tarde, o mez do Rosario.

Congruas paroquiais

A propósito do facto de o rev. paroco da freguesia de Cascais, Patriarcado de Lisboa, estar com falta de recursos para prover á sua modesta sustentação, o Reverendissimo Conego Manoel Anaquim governador do Patriarcado, enviou áquele zelo se paroco uma provisão para ser lida mais que uma vez á missa conventual, instando com os fieis para que provenham convenientemente, á congrua sustentação do seu paroco.

Sabido que o Estado levou para si todos os rendimentos que pertenciam á Igreja e que esta destinava á sustentação do clero paroquial, este encargo passou para os fieis, como dever de consciencia.

Que o brado do ilustre governador do Patriarcado tenha eco em todo o pais e nele reparem todos os catholicos.

Mercado semanal

Pouco concorrido, devido ao mau tempo, a feira semanal ultima, facto que produziu certa baixa de preços em alguns generos expostos á venda.

O que é de lastimar, é que a nossa feira continue a ser invadida por regateiras que, vindas de toda a parte, provocam subida de preços, visto que tudo compram e por todo o preço que podem, facto que as mais das vezes provoca altas injustificaveis nos preços de muitos productos.

A' Camara

De novo pedimos a atenção da nossa Camara para o Largo da Calçada.

Com estes dias de chuva, as aguas juntam em certos sitios, o que faz com que, á passagem dos carros e automoveis, a lama salpique não só os transeuntes, mas tambem os passeios e estabelecimentos do local.

Conselheiro Vasconcelos Porto

Morreu em Lisboa, ha dias, o sr. Conselheiro Vasconcelos Porto, distintissimo official de engenharia e ministro da guerra no gabinete João Franco, a quem o exercito portuguez deve, segundo afirmação dos tecnicos, a melhor organização militar que se tem feito no nosso pais.

Relógio Municipal

Ha muito tempo que a opinião publica vem reclamando da nossa camara o funcionamento de um relógio no lindo torreão que foi feito no edificio dos Paços do Concelho, para esse fim.

Conquanto essas reclamações, de que por vezes se tem feito eco a imprensa local tenham sido desatendidas, nem por isso deixamos de uma vez mais nos referimos a elas, com o fim de lembrar á nossa Camara que seria melhoramento muito util, o funcionamento de um relógio naquelle apropriado lugar.

Atender-nos-ha?

Em acção de graças

No dia 12 do corrente mez de Outubro, será celebrada, na igreja do Senhor da Fonte da Vida, no Monte da Franqueira, uma missa em acção de graças pelo restabelecimento do distincto regente da Banda dos Bombeiros de Barcelinhos, sr. Manoel Antonio da Silva, acção religiosa a que vão assistir a banda de musica; direcção e corpo activo do C. V. de S. P. Barcelinense.

Alvejado a tiro

Publicamos no nosso ultimo numero uma noticia com este titulo, referindo um facto que já tinha sido noticiado, em termos identicos, por um nosso colega local.

Dizem-nos que a noticia não está bem de harmonia com a occorrença. Como não assistimos a ela, não podemos garantir a sua exatidão.

Não tendo nós por habito ser inexactos e só por erro de informação podermos ser menos verdadeiros, aguardamos informação já pedida; e, no caso de ela contrariar o que foi dito, publica-la-hemos com muito prazer, visto que este jornal tem por norma ser leal e verdadeiro nas suas informações.

Hora legal

No dia 4 deste mes de outubro á meia noite, são os relógios officiais atrasados em 60 minutos, conforme foi legalmente estabelecido.

Donativos

O prestante Corpo Voluntario de Salvação Publica Barcelinense, recebeu ultimamente os seguintes e importantes donativos:

—Dos snrs. Amadeu Abel Lopes e Albino Gomes de Faria, naturais de Barcelinhos mas actualmente residentes no Rio de Janeiro (Brazil), a quantia de esc. 450\$00;

—De subscrição aberta no Brazil por um amigo do activo comandante daquele corpo e nosso amigo sr. Joaquim José d'Araujo, a quantia de esc. 1.355\$00;

—Do sr. P.º Adelino de Lima Miranda, ilustre e dedicado capelão da corporação, a quantia de esc. 100\$00;

—Do segundo comandante dos Bombeiros da praia de Ancora, por intermedio do sr. Francisco Carvalho, digno chefe do Corpo Voluntario Barcelinense, a quantia de esc. 50\$00;

—De um anonimo, a quantia de esc. 25\$00.

Só merecem os nossos louvores, os que ajudam ao desenvolvimento de instituições tão prestantes, como é a beneficiada.

Postais de Barcelos

Ha seguramente dois anos que se não vendiam nesta terra, postais com vistas de Barcelos. Pois agora já os ha e bem feitos. Pena é que a coleção se componha apenas de sete aspectos da nossa terra. Estão á venda no «Centro de Novidades» e na «Pérola da Calçada».

Pedido.

Pelo distincto clinico e nosso presado amigo sr. dr. José Gomes de Matos Graça, foi pedida em casamento, o parásr. Manoel Miranda Gomes Pereira, proprietario da casa de Chapre, de Midões,—a sr.ª D. Palmira Mendes do Vale, sobrinha do distincto medico de Vila Cova, sr. dr. Antonio Emilio Mendes do Vale.

Outra revolução no Brazil

Publicaram os jornais de domingo telegramas a dar contas de uma nova revolução no Brazil, Estado do Panamá, onde um numeroso grupo de officiaes teria proclamado a independencia de parte dos Estados de Panamá e Mato Grosso, dando ao novo territorio a denominação de Brazilenia.

Carteira

Está na Póvoa de Varzim o nosso amigo P.º José da Costa Vale.

—Está completamente restabelecida dos seus incomodos, o que estimamos, a ex.ª esposa do nosso amigo sr. Manuel de Faria, activo solicitador.

—Regressou da praia de Apulia, com sua familia, o snr. João Batista da Silva Correia, zeloso procurador.

Pesames

Dámo-los ao nosso amigo e ilustre advogado sr. João Augusto de Oliveira Pinto, pelo falecimento, em Lisboa, do Juiz do Supremo Tribunal de Justiça aposentado, e seu tio, sr. dr. Eduardo Augusto Braga de Oliveira.

Falecimentos

Sepultou-se na ultima terça-feira, depois do resposno funebre que teve logar no templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, a sr.ª Luiza Maria de Carvalho, mãe dos nossos amigos srs. Francisco Carvalho, industrial, e Joaquim Carvalho, digno 2.º sargento do 3.º batalhão de infantaria 8, com sede nesta vila.

Os nossos sentimentos. —Faleceu hontem nesta vila, a sr.ª Ana de Jesus Ferreira de Azevedo, padeira, mais conhecida por «a Manêla». O seu funeral realisa-se hoje.

—Pesames á sua familia.

Espozende, 29

Na freguesia de Fonte-Boa, tem lugar o triduo do Sagrado Coração de Jesus, sendo orador o Reverendissimo Snr. Abade de Vila Sêca, P.º Albino Marques.

—Em Fão principia, na próxima quinta feira, um solene triduo eucaristico que concluirá com festa ao S. S. Sacramento, no domingo, dia 5.

Em todos os dias haverá vésperas cantadas, pelo povo, sob a direcção competentissima do Rev.º Sr. P.º Alaio. E' orador o Rev.º Sr. P.º Silva Gonçalves.

—Estão já a terminar as vindimas, sendo geralmente as colheitas muito escassas. Alguns lavradores nada colheiram.

—Em Fão baptisou-se uma filhinha do Snr. Celestino Pires, hábil farmacêutico e D. Ludovina de Campos Mendanha Pires, recebendo o nome de Carmen Maria. Foram padrinhos o distincto medico barcelense Dr. Adélio Carvalho da Silva e a Snr.ª D. Carmen Gonçalves, das Necessidades. Aos pais os nossos parabens.

Carta -- Declaração

Com o pedido para ser publicado no presente numero da *Acção Social*, recebemos dos illustres farmaceuticos a carta-declaração que com todo o gosto inserimos a seguir.

Devemos dizer que neste semanario apenas se disse, como pode verificar-se na noticia publicada no nosso ultimo n.º, que a morte do snr. Amadeu Cardoso foi causada pela inversão de remedios que tinha de tomar, do que se deduz que os tinha em casa e que a inversão foi sua e não de quem podesse ter-lhe aviado a receita.

Dito isto, fazemo lo para declarar á ilustre e competente classe farmaceutica da nossa terra, que nem por sombras podiamos ter-lhe atribuido quaisquer responsabilidades, nem profissionais nem morais, no triste desenlace de um descuido do proprio finado.

Segue-se a carta-declaração, que nos apraz publicar:—

...Snr. Director da «Acção Social»:

Noticiaram os semanarios desta vila a triste occorrença de haver falecido por engano de medicamentos o Snr. Amadeu Cardoso empregado do notario Sr. Antonio Justiniano da Silva.

Daquelle laconismo alguns dos seus leitores, senão todos, podem deduzir que o engano proveio da farmacia em que fora aviada a receita, e, possivelmente, fazer juizos menos justos sobre a nossa consciencia e responsabilidade profissionais.

Portanto vimos declarar que não nos cabe a minima parcela de culpa no fatal engano, porque o pedido dos medicamentos não foi feito a qualquer dos sinatrios, mas, pelo que se diz, a quem usa do exercicio ilegal da farmacia.

Não acusamos, defendemo-nos. A outros compete essa missão.

Barcelos, 28 de Setembro de 1924.

João Pcaheco Leite
Plácido Lamela
A. Aires Duarte
Carlos Maria Vieira Ramos
José Alves de Faria

O concelho de relance

Campo

—Recebeu os últimos sacramentos a sr.ª Francisca Exposta, que se encontra bastante doente.

—Estive no Porto o respeitável amigo—sr. João Cândido Velloso de Miranda Pereira Barreto, da casa do Rato.

—Em Creste, de visita a seu venerando tio—sr. Conselheiro Magalhães Barros, esteve o sr. Juiz de Vieira, da familia Magalhães, de Ponte do Lima.

—Em S. Fins e quinta da Igreja está a familia da sr.ª D. Maria Cerqueira Machado Cruz.

Macieira, 29

Realisaram-se os seguintes baptizados: A 29 do mês passado, dum filho de José Ferreira do Paço, recebendo o nome de António e sendo padrinhos Joaquim Alves dos Santos e Rosa Alves Amorim; a 14 do corrente, dum filha de António da Silva, com o nome de Maria e padrinhos José Ferreira de Matos e Emilia da Silva; dum filha de Manuel da Silva Miranda, com o nome de Clementina e padrinhos António Alves da Costa e Clementina Rosa da Silva; dum filha de Martinho de Oliveira do Amaral, com o nome de Carmelinda e padrinhos Manuel de Oliveira Amaral e Josefa Ferreira de Miranda; a 24, dum filha de Manuel Francisco Simões, com o nome de Maria da Conceição e padrinho Albino José da Silva e Ana Joaquina Simões; no dia 23, dum filha de Manuel José da Silva Matos, com o nome de Maria Eugénia e padrinhos Duarte Augusto Ribeiro e D. Maria Eugénia Ribeiro da Silva.

—Faleceu, a 29 do mês transacto, uma filhinha de Zeferino

Leitão. E, a 14 do corrente, com 53 anos, Maria Gomes dos Santos.

—Partiu uma perna um filho de Justino Martins da Silva, prestando-lhe os serviços cirúrgicos, em Goios, o distincto médico—sr. dr. João Alves Ferreira, de Negreiros.

—Com os dias de sol, tão desejado, principiou-se com a vindima. Salvas raras excepções, aqui é abundante a colheita, graças ao trabalho e dinheiro que se gastaram no tratamento da vinha e graças tambem ao nosso Sindicato, que nos forneceu ótimos sulfato e enxofre. Basta que sempre assim sejamos servidos. E a propósito vem dizer que os nabais, em que se empregou adubo servido pelo mesmo Sindicato, estão soberbos e não assim os de quem experimentou adubos doutras casas. Mais uma vez «barato saiu caro». Parabens ao Sindicato e ao seu gerente—sr. Joaquim Madeira, «rei dos adubos».—Dos bairros de Cumieira e Minas os seus habitantes estendiam-se pelos campos, produzindo o efeito do arrastão no mar: ia tudo em acarretadas para a Póvoa. O regedor sr. António Gomes de Araujo, a instâncias dos queixosos, intimou-lhes respeito pelo alheio, sob pena de se passar a tomar medidas mais sérias.

Oxalá a intimação valha.

Anuncios

COMARCA DE BARCELOS
Editos de 30 dias

Para o Inventario de José Candido Gonçalves, desta vila, citam-se por editos de trinta dias os interessados Ismael Carlos Botelho e Antonio Ferreira da Costa, auzentes no Brazil.

Barcelos, 26 de Julho de 1924

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Fonseca.

O escrivão-ajudante do 4.º officio
Ilidio Lopes

COMARCA DE BARCELOS
Editos de 30 dias

Para o inventario orfanologico a que se procede por obito de Tereza Martins, viuva, moradora que foi na freguezia de Alheira, desta comarca, cita-se por editos de trinta dias o interessado Antonio Fernandes Braz, solteiro, menor pubere, auzente na America do Norte, em parte incerta.

Barcelos, 1 de Agosto de 1924.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Fonseca.

O escrivão-ajudante do 4.º officio,
Ilidio Lopes.

CASA

Vende-se uma com quatro divisões.

Na Companhia Editora se diz.

ALFAIATARIA BARBOSA
Campo da República

Grande sortido de casemiras nacionais e estrangeiras para fato sobretudo e gabardinas assim como um enorme sortido de fatos e sobretudos de criança desde 33\$00

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritório.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

== BARCELOS ==

Completo e variado sortido em casimiras, chales malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

— DE —

BRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas emuitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,